

## 2

### As línguas através dos tempos

#### 2.1.

##### Breve história da origem e diversidade das línguas

A busca de conhecimentos sobre o passado remoto da humanidade, aí incluídos a origem de nossos ancestrais e a da linguagem humana, tem-se apresentado sob as mais diversas formas, em todas as épocas, e tem sido objeto de explicações da mais variada natureza, por vários povos.

A Bíblia é uma das fontes a oferecer explicações a esse respeito. No Velho Testamento, o mundo é criado pela palavra de Deus. Foi com a palavra que Deus criou os animais. Adão foi criado já dotado de linguagem. Deus, o Criador também fala. É precisamente essa faculdade de falar e de nomear que traça a linha divisória entre seres humanos e outros animais .

Durante muito tempo, considerou-se então que a linguagem era um dom de Deus e a razão para isso era que pela sua perfeição e complexidade, ela não poderia ser um produto do homem 'primitivo', imperfeito. Essa explicação divina tem em si uma circularidade teológica: sem linguagem não há razão; sem razão, o homem é incapaz de receber o ensinamento de Deus; sem ensinamento divino, o homem não tem nem razão, nem língua.

De acordo com Franchetto e Leite, (2004) existem muitas teorias sobre a origem da linguagem humana. Uma delas é a que diz que as palavras surgiram da tentativa de imitar os sons produzidos pelos animais, como *quá-quá*, *au-au*, *óinc-óinc*, e os sons da natureza circundante, como o farfalhar das folhas, o correr das águas, o barulho do vento e da chuva. A imitação tornava-se a palavra que denominava o objeto. Essa teoria - *onomatopaica* - evoca a seu favor a existência de onomatopéias em todas as línguas.

Outra possibilidade aventada foi a de identificar o germe da linguagem nas interjeições. Os primeiros sons produzidos pelo homem teriam sido exclamações de dor, alegria, desespero, espanto, surpresa. Essa teoria não explica, porém, como se passou do estágio dos gritos expressando emoções ao da linguagem articulada de frases.

Uma outra teoria, com base nos processos de produção de sons, sugere que os primeiros sons teriam sido os que acompanham o acasalamento, o comer, as lutas e as ocasiões festivas, tendo passado depois a significar esses eventos.

Ainda segundo as autoras supracitadas, muito mais tarde, o filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), no clássico *Ensaio sobre a origem das línguas*, publicado, após sua morte, em 1781, afirma que “a motivação para a linguagem humana vem da necessidade de comunicação, uma vez que os homens constituem uma sociedade”. Rousseau, cuja concepção do fenômeno da linguagem é ampla e complexa, apresenta uma hipótese evolutiva da linguagem vocalizada, evolução essa que a seu ver, estaria diretamente ligada ao desenvolvimento das formas de vida social.

A linguagem primitiva, produto das necessidades físicas e momentâneas, atributo natural de homens e animais, aparece nas imagens com que Rousseau descreve o “*estado da natureza*”. Segundo as mesmas autoras, é no longo período que separa “o *primeiro estado de natureza*” do aparecimento do que Rousseau chama de “*estado de sociedade*” que surge essa “primeira **língua universal**, ‘grosseira e imperfeita’, feita de gestos, vocalizações e onomatopéias”. (Franchetto & Leite, 2004 : 19).

O homem, porém, tem em sua própria essência a possibilidade, pronta a se realizar, de sair do estado de natureza e desenvolver línguas de convenção ou línguas adquiridas em sociedade. As primeiras palavras livres do condicionamento das necessidades físicas teriam sido motivadas exclusivamente “pelo sentimento e pelas necessidades morais”. (Franchetto & Leite, 2004 : 19)

Foi longo e acidentado o caminho percorrido até que o estudo sobre as origens da língua ficasse livre de explicações com base em credices ou então em bases religiosas ou filosóficas e surgissem, já no século XIX, padrões considerados rigorosamente científicos para essa pesquisa.

Até chegar ao século XIX, a questão das origens da linguagem tornou-se ainda mais complexa, pois além de não se poder recorrer a Deus para explicar o dom da linguagem humana, havia uma outra dificuldade adicional: a de explicar a existência de grande diversidade de línguas no mundo. As perguntas que se faziam eram: teriam todas as línguas derivado de uma única, comum a todos os habitantes da Terra em uma determinada

época? Por que e como se teriam tornado tão diferentes? Em que consistiriam essas diferenças?

Esse assunto tem sido objeto de muitas pesquisas e elaboração de teorias, as quais vêm sempre acompanhadas de muitas polêmicas.

O fato é que no estágio atual da humanidade, independentemente se houve ou não uma língua comum de origem, o número de línguas existentes impressiona e entender como foi possível chegar a tão grande diversidade é importante para qualquer estudo que se faça sobre a situação lingüística em que o mundo se encontra atualmente.

Segundo Störig (2003), o século XVI viveu um momento de esplendor com a realização de várias viagens marítimas pelo mundo, ocasionando a descoberta de novas terras, novos povos e culturas. Tomou-se conhecimento, nessa época, da existência de um sem-número de novas línguas, de cuja existência nem se chegava a desconfiar. O reconhecimento de novos mundos gerou mudanças sociais e políticas em que se decreta a morte do obscurantismo medieval e a volta ao estudo do grego e do latim, línguas representantes de duas importantes civilizações, cujos soldados conquistaram vastas extensões territoriais, alargando suas fronteiras para muito além de seus limites e levando junto com eles línguas e culturas que, devido a uma indiscutível superioridade, eram assimiladas pelos povos dominados.

Tão importantes foram as línguas grega e latina que sua influência se faz sentir até hoje em muitas das línguas faladas pelo mundo. Na maioria das línguas da Europa, por exemplo, podem-se reconhecer elementos gregos e latinos que são a base de palavras eruditas. Os horizontes lingüísticos também se ampliam com as análises do hebraico e do árabe, línguas semíticas cujas estruturas e categorias diferem daquelas em torno das quais havia se fixado a tradição descritiva medieval, em uso naquela época.

O horizonte lingüístico ampliou-se não só com a convivência de tradições gramaticais diferentes, mas também com o estudo sistemático das línguas vivas da Europa, além das recém-descobertas nas Américas.

A partir do século XVIII, filósofos e gramáticos dedicaram-se ao estudo de dados e informações provenientes das diferentes línguas e povos, trazidos pelos viajantes que acompanhavam a expansão das fronteiras do mundo ocidental.

No século XIX a Lingüística adquiriu o status de ciência, uma ciência autônoma pelo desenvolvimento de uma metodologia própria e rigorosa para explicar a diversidade, lançando mão de um estudo comparativo-genético que estabeleceria as relações históricas entre línguas bastante diferenciadas e, por vezes, bastante distantes geograficamente.

Um meio para explicar a diversidade foi atribuir uma origem milenar comum a várias línguas que teriam derivado de uma língua-mãe originária. A diversidade seria resultante de migrações, em épocas diferentes, de populações que outrora habitavam um mesmo território.

A Bíblia oferece também uma explicação para a existência da diversidade lingüística, como se pode observar no trecho transcrito a seguir:

“Ora, a terra tinha uma só língua e um mesmo modo de falar. Mas ( os homens ), tendo partido do oriente, encontraram uma planície na terra de Senaar, e habitaram nela. E disseram uns para os outros: Vinde, façamos tijolos e cozamo-los no fogo. E serviram-se de tijolos, em vez de pedras, e de betume em vez de cal traçada; e disseram: Vinde, façamos para nós uma cidade e uma torre, cujo cimo chegue até o céu; e tornemos célebre o nosso nome, antes que nos espalhemos por toda a terra. O senhor, porém, desceu a ver a cidade e a torre, que os filhos de Adão edificavam, e disse: Eis que são um só povo e têm todos a mesma língua; e começaram a fazer esta obra, e não desistirão de seu intento, até que a tenham de todo executado. Vinde, pois, desçamos, e confundamos de tal sorte a sua linguagem que um não compreenda a voz do outro. E assim o Senhor os dispersou daquele lugar por todos os países da terra, e cessaram de edificar a cidade. E por isso lhe foi posto o nome de Babel, porque aí foi confundida a linguagem de toda a terra, e daí os espalhou o Senhor por todas as regiões.”<sup>1</sup>

Esse trecho, parte do capítulo 11 do Gênesis, justifica a existência de tantas línguas diferentes como uma punição divina pela soberba humana. No capítulo 10, porém, falando sobre a difusão dos filhos de Noé, depois do dilúvio, a Bíblia diz que “desses derivaram as nações disseminadas pelos litorais (...) cada um com sua própria língua (...)”.

---

<sup>1</sup> *Bíblia Sagrada*, Edições Paulinas, São Paulo, 1975, 7ª edição, traduzida da Vulgata e anotada pelo Pe. Matos Soares.

A julgar por esse trecho, percebe-se então que antes do episódio da torre de Babel, a diversidade de línguas já estaria presente. Calculava-se, à época, que a língua , que se supusera a princípio única, havia-se subdividido em 72 diferentes línguas. Esse número, porém, estava completamente equivocado. Na verdade, conforme menção feita anteriormente, já se sabia da existência de muitas outras línguas, e principalmente, de línguas que deviam parecer muito exóticas aos falantes das línguas européias e aos conhecedores das línguas antigas - o chinês acima de todas.

Eco ( 2001) aborda a questão da procura de uma língua perfeita ou da língua original, aquela falada por Adão e da qual se teriam derivado todas as outras existentes. Em sua pesquisa, o autor apurou que os gregos do período clássico já conheciam povos que falavam outras línguas, povos esses a quem chamavam de bárbaros, pois para eles, gregos, os outros falavam de forma incompreensível, emitindo sons que se assemelhavam ao pipilar dos pássaros. Com a expansão dessa civilização, houve a necessidade de se uniformizar e unificar a língua grega, que até então vinha sendo uma miscelânea de dialetos. Uma língua grega comum – a koiné – uma forma modificada do ático, foi adotada pelos governos reais e tornou-se comum por todo o mundo grego, sendo ela ensinada nas escolas de gramática e tornando-se a língua comum de toda a área dominada por Alexandre Magno. Mesmo durante a ocupação romana, ela vai sobreviver como língua cultural e será nessa língua em que serão transmitidos os primeiros textos do cristianismo. Data já dessa época a preocupação com a natureza e a origem da linguagem. A obra *Crátilo* de Platão indaga se as palavras que nomeiam as coisas foram escolhidas conforme a natureza de cada uma ( tese de Platão ), ou se foram escolhidas por lei ou convenção humana. ( tese de Hermógenes )

Na época em que o koiné ainda domina a Bacia Mediterrânea, o latim começa a espalhar-se por toda a Europa dominada pelos romanos para se tornar a língua da cultura cristã no Ocidente. O latim era a língua oficial da Igreja Católica Romana, da literatura e das ciências. O pensamento dos grandes cérebros da Idade Média operou por séculos em latim e fixou-se em obras escritas na língua latina. Todas as obras importantes da Filosofia e da Ciência, entre 800 e 1700, em todo o Ocidente, foram escritas em latim. Entre os autores que escreveram suas obras nessa língua, destacam-se, entre outros: Tomás de Aquino, Copérnico, Kepler, Bacon, Spinoza, Newton. Segundo Störig (2003), com o

revigoramento de um sentimento nacionalista, o monopólio do latim no mundo científico terminou. O efeito exercido pelo latim, no entanto, continuou por muitos anos e perdura até hoje, aparecendo sob as mais variadas formas, como por exemplo: na terminologia médica, na anatomia, na nomenclatura de botânica e zoologia; no Direito, além da utilização em máximas, expressões e provérbios, como por exemplo: *Carpe Diem*; *Errare humanum est*; *alea jacta est*.

Entre a queda do Império Romano e a alta Idade Média novas línguas foram se formando lentamente. Estima-se que pelo final do século V, o povo já não falava mais o latim. Surgiram dialetos locais que misturavam o latim, as linguagens anteriores à Civilização Romana e raízes introduzidas pelos bárbaros. Ainda de acordo com Eco (2001), após a queda do Império Romano, a Europa apresenta-se em princípio como uma Babel de línguas novas, para só depois apresentar-se como um mosaico de nações.

Ainda segundo o autor, a Europa inicia-se com o nascimento das linguagens vernáculas, a sua irrupção inicia a cultura crítica europeia que enfrenta o drama da fragmentação das línguas e começa a refletir em torno da própria civilização multilíngüe.

## 2.2.

### **Línguas surgidas de contatos lingüísticos**

Contatos lingüísticos entre povos de origens diversas, sejam eles provocados por dominação ou para fins comerciais, farão com que as línguas se mesquem em maior ou menor grau ou então sejam adaptadas para facilitar entendimento entre os interlocutores. Assim é que no decorrer da história, a língua do dominador foi imposta aos dominados, fazendo com que de alguma forma as línguas em contato sofressem alguma modificação.

Com a mobilidade cada vez maior dos povos, os contatos lingüísticos tornam-se mais frequentes. Kiernan (in Burke e Porter, 1993) aborda a questão das modificações que as línguas dos povos em contato virão a sofrer. Ele observa que quando duas delas são colocadas em contato estreito à força, sempre influenciam uma à outra em algum grau. Nos territórios subjugados, muito depende do fato de estarem ou não sendo controlados de

fora, para imposição de alguma forma de tributo, ou de estarem sendo ocupados para povoamento. Nesse caso, a língua intrusa pode superar a nativa ( o que aconteceu com o inglês na Irlanda ), ser trocada por ela ( como a dos nórdicos pelo francês da Normandia ) ou ainda as duas podem, depois de longa interação, fundirem-se em uma nova língua composta.

O autor mostra que o inverso do processo de povoamento ou de colonização foi a remoção e a realocação forçada de um povo, ou parte dele, por um conquistador, o que foi feito pelos babilônios, assírios e, no Novo Mundo, pelos incas, que sistematicamente deslocaram aldeões de mais personalidade e substituíram-nos por súditos mais dóceis de outras partes de seu império em expansão. Tais substituições favoreceram a assimilação e difusão do Quíchua, a língua oficial em todas as partes, que se não fosse assim, não poderia ter-se espalhado de forma tão ampla durante o período de vida relativamente curto do Império.

Ainda segundo Kiernan, quando dois povos são unidos pela espada, o resultado lingüístico dependerá de suas respectivas estruturas sociais, principalmente das do dominador, e de seus costumes familiares e de casamento. Pode haver *apartheid*, como na Índia Britânica e na África do Sul, ou apropriação polígama. Em qualquer sociedade razoavelmente complexa, ainda que pré-nacional, sob demorada ocupação estrangeira, pode-se esperar um movimento lento e gradual no sentido da adoção da língua intrusa. Aprendê-la pode criar muitas oportunidades, especialmente para os instruídos. São as camadas mais altas do povo conquistado, principalmente entre os que moram nas cidades, que farão a mudança primeiro, especialmente se o novo idioma for acompanhado de uma nova e atraente cultura. Outro fator importante é o religioso. Uma nova religião pode apresentar um magnetismo maior e, com o tempo, atingir todas as classes.

No “Oriente Próximo” ou Ásia ocidental, três continentes se encontravam, além de seus vizinhos ou prolongamentos a sul e a leste. Esse berço das civilizações antigas apresentava um caleidoscópio de idiomas. Como resultado natural da ambição por terras e das mudanças populacionais, essa região apresentava uma confusão de povos vivendo praticamente empilhados uns sobre os outros. Toda essa região foi o palco no qual os primeiros impérios do mundo foram erigidos.

Quando o Ocidente Romano entrou em colapso, o Oriente continuou lutando por mais um milênio, na condição de Império Bizantino. O grego vinha ganhando terreno em relação ao latim bem antes de Justiniano levar seu uso mais adiante, em assuntos legais e oficiais, no século VI, por ser mais familiar às classes mais educadas.

Já antes de o islã vir a desfraldar a bandeira da conquista, a Arábia estava apresentando sintomas conhecidos de excesso populacional e inquietação. Pequenos estados árabes fronteiriços apareciam na Síria e na Jordânia; eles adotaram o aramaico de seus vizinhos e tornaram-se helenizados, alguns, e mais tarde, cristãos. Em termos lingüísticos, o caminho ficou mais fácil para o árabe porque na maioria das terras adjacentes, o semítico ainda era corrente entre as massas, apesar da Macedônia e de Roma. Essas massas insatisfeitas estavam separadas daquelas acima delas pela cultura estrangeira que as classes superiores de há muito haviam adotado. O cristianismo falhou ao fechar a lacuna entre os educados e aqueles que ela chamava de “pagãos”. A aceitação do Islã, e com ela a do árabe, igualmente pelas classes altas e baixas, poderia restaurar um tipo de unidade social, ainda que imperfeita.

Esse processo foi muito arrastado, embora um pouco menos, perto dos centros do Império, primeiro Damasco e depois Bagdá, onde os povoados árabes seriam mais numerosos. Elemento que contribuiu para a mudança, o exército, muito ativo no Império Romano, funcionou menos nesse caso, porque o serviço militar era normalmente reservado para os muçulmanos; é claro que alguns teriam se unido ao “rebanho” para estarem qualificados para o exército, e muçulmanos de todas as terras serviram juntos e precisavam de uma língua franca.

Nos primeiros e melhores dias do Califado, uma civilização falante de árabe, mas não árabe, foi criada com “ a colaboração de muitos povos” e de indivíduos nem sempre muçulmanos. Ela pode ser pensada como uma nova edição da cultura helenística cosmopolita, com o árabe em lugar do grego como *koiné*, ou língua franca da pena. Como conseqüência natural de sua grande difusão, o árabe passou por uma tendência simplificadora, tornando-o muito menos difícil de se aprender, mais ou menos o que já havia acontecido com o grego, que foi simplificado e uniformizado depois das conquistas de Alexandre. A língua árabe foi sendo introduzida em muitos locais e misturada às demais línguas pela ocupação árabe. ( malaio, swahili, maltês, persa,...) Isso também ocorreu na

Espanha, embora lá o número de árabes fosse muito pequeno, e a maioria dos invasores fosse seus seguidores bérberes. Em que medida o árabe coloquial desalojou o “romance”, ou espanhol nascente, especialmente na Andaluzia é desconhecido. O que se sabe é que a Reconquista deixou a Espanha, no final, com uma língua que era basicamente um romance, mas devendo mais palavras ao árabe do que a qualquer outra língua, a não ser o latim.

Na Pérsia, sob o califado, a administração era conduzida em árabe. Ali havia uma língua, a pálevi, que sobreviveu, tendo sido enriquecida por um excesso de termos árabes. À medida que o poder árabe diminuiu, porém, o sentimento persa reviveu. Criou-se um “persa islâmico”, uma forma modificada de pálevi com muitos componentes árabes em seu vocabulário. Todos os casos de fusão lingüística como esse significavam um vocabulário em grande parte estrangeiro, sobre uma base gramatical nativa simplificada pelo efeito desgastante de uma longa coexistência.

A Pérsia nunca voltou a ter um império como na Antigüidade, mas conseguiu uma supremacia lingüística e cultural sobre o islã na Ásia e em especial sobre seus vizinhos turcos. A cultura turca cedeu terreno para a cultura persa, assim como a bérbere na Espanha cedeu terreno para a árabe. Os turcos do ramo uzbeque, agora no comando da Ásia central, ainda afluíam como mercenários no século XVIII, mas, por sua vez, logo foram absorvidos na agora vasta minoria muçulmana.

A conversão em grande escala ao islã ocorreu em duas regiões remotas: O Punjab Ocidental – hoje a principal província do Paquistão - e Bengala Oriental - atualmente Bangladesh. Essas regiões atraíam pouco povoamento estrangeiro e ressentiam-se da falta de atração magnética de uma corte real; seus habitantes mais rústicos mantinham suas próprias línguas, embora o punjabi e o bengali das áreas muçulmanas tenham entre si mais do que o resto, o léxico persa-árabe. Foi mais ou menos o que aconteceu entre a influência do árabe no persa e a do “persa islâmico” no dialeto hindi nos arredores da capital, Delhi. Enquanto a elite muçulmana falava e escrevia em persa, e hindus de alta casta, ainda que por motivos literários e religiosos, usavam o sânscrito, nessa região, desde o princípio da conquista muçulmana, desenvolveu-se um meio de comunicação para uso das pessoas comuns. Uma mistura do vernáculo local com palavras persas em uso veio a ser conhecido como urdu, a língua franca da “horda”, ou exército. Aqui, mais uma vez a base gramatical era nativa e a superestrutura em grande parte, estrangeira.

O urdu cresceu em Délhi e seus arredores e viajou com o exército. Possibilitava o entendimento não só entre hindus e estrangeiros, mas entre hindus de diferentes províncias também. À medida que o tempo passava, veio a exercer grande influência em todas as línguas arianas do país. O urdu era uma língua franca para a conversação e no papel estava dividindo-se em duas línguas, que podiam estar ligadas a religiões e interesses de classes rivais. Eram escritas de formas diferentes – primas distantes – em persa-árabe e devanagari, ou sânscrito. É uma dicotomia semelhante àquela do servo-croata, com o alfabeto eslavo ou cirílico em uso na Sérvia e em sua igreja ortodoxa, e o latino na católica Croácia, um domínio da Hungria dentro do Império Habsburgo.

Nas Américas, a atividade missionária, incentivada por motivos políticos pelo domínio espanhol, teve o seu papel. Pregadores franciscanos fizeram uso da língua asteca, o nahuatl, e difundiram-na pelo México. Mais ao sul, os jesuítas igualmente deram maior circulação ao guarani, empregando-o em suas “Missões” ou povoamentos. O próprio guarani mostrou-se capaz de acomodar palavras e sons espanhóis, e também mudanças de sintaxe. Atualmente, é com o espanhol, uma das duas línguas nacionais do Paraguai. Parece que o asteca e o maia foram escritos com caracteres latinos pouco depois da conquista, e isso pode ter favorecido sua sobrevivência.

Na África, o haussá do norte da Nigéria e da região central do Sudão foi utilizado nos tempos coloniais como um meio de comunicação. O swahili foi usado para o ensino sob diversas bandeiras coloniais, e agora é a língua nacional da Tanzânia, sobrepondo-se a todas as línguas locais e tribais.

Já por sua vez, o Estado moderno na Europa e os impérios europeus em seus últimos estágios, freqüentemente demonstraram hostilidade para com as línguas de minorias étnicas ou de colônias. Quiseram acelerar os processos, mais graduais e naturais sob o domínio romano ou árabe, que privam os povos subjugados de seus principais elementos. No Império Habsburgo, era uma política da oligarquia fundiária da Hungria, a que pertencia a Eslováquia, imobilizar os eslovacos politicamente, obrigando todos aqueles que ansiavam por uma posição em qualquer serviço a aprender o magiar e a tornarem-se húngaros. Em suas colônias os franceses fizeram algo semelhante. Para garantir sua confiança e os cargos que ofereciam, seus súditos tinham de aprender francês, separarem-se de seu povo, tornarem-se franceses negros ou asiáticos. Na Argélia, o ensino em árabe não

era permitido. A interdição encaixava-se com o pensamento racista comum na Europa moderna, para o qual, de acordo com Edward Said, ( apud Kiernan : 1993, pág. 280 ) “*língua e raça pareciam inextricavelmente ligadas*”.

Renan, ( apud Kiernan, 1993 ) uma autoridade em línguas semíticas, considerava-as prova da inferioridade mental semítica. Fanon ( apud Kiernan, 1993 ) via o colonialismo buscando destruir a cultura nativa a fim de salvaguardar sua própria posição; ele via a revolta colonial como, em parte, a defesa dessa cultura. Memmi ( apud Kiernan 1993 ) em seu *Retrato do colonizado*, acusava o colonialismo de querer convencer os povos nativos de que suas línguas eram pobres e inadequadas, e que para todos os grandes motivos eles deveriam se apoiar nos falares europeus. Para ele, a recuperação e o desenvolvimento de sua própria língua, com todas suas associações emotivas, era um aspecto essencial de sua “ re-descoberta de si mesmo”.

O Brasil também vivenciou situação semelhante. A língua portuguesa foi trazida pelos portugueses e imposta aos indígenas como ferramenta de conquista da coroa lusitana. O padre José de Anchieta, que aqui chegou em 1554 juntamente com outros jesuítas com a missão de catequizar os índios, tanto sabia disso que organizou um idioma para que essa comunicação com os nativos pudesse ocorrer de forma eficiente. Sua famosa obra teve como título *A arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Essa língua geral, chamada língua boa ou nheengatu, em tupi, foi utilizada até 1757, quando o Marquês de Pombal expulsou os jesuítas que aqui se encontravam, proibiu o ensino dessa língua geral e impôs a língua portuguesa. Estrategista refinado, o marquês percebera que superado o tratado de Tordesilhas e vigorando o de Madri, que ampliou os domínios do império luso para o oeste e para o Norte, o melhor a fazer seria transformar a língua em arma geopolítica para consolidar a presença portuguesa em rivalidade com a espanhola.

A política lingüística no Brasil sempre teve caráter repressivo e de homogeneização. Além dessa imposição da língua portuguesa, houve também redução das línguas indígenas e, à época do Estado Novo ( a partir de 1930 ), empreendeu-se uma repressão cultural e lingüística à população imigrante no sul do país. Foi proibido que os imigrantes lá instalados continuassem a usar suas línguas em público e frequentassem escolas bilíngües. Na 2ª Guerra, intensificou-se a repressão aos imigrantes, verificando-se, como

conseqüência, um declínio do italiano e do alemão. Alguns anos se passaram até que essas proibições caíssem por terra.

A língua portuguesa, por sua vez, conheceu o reverso da medalha. No século XX, Timor-Leste, antiga possessão portuguesa e onde o português era uma das línguas faladas, viu-se ocupado pela Indonésia e seu povo foi proibido de continuar usando o português. Após sua independência, a população insurgiu-se contra essa proibição e pressionou para que ele fosse uma de suas línguas oficiais. Em um esforço para manter viva essa tradição, o governo brasileiro anunciou a contratação de professores para lá trabalharem e ensinarem a língua portuguesa.

Como afirma Calvet ( 2002 ), o mundo é plurilíngüe e o plurilingüismo faz com que as línguas estejam sempre em contato. Spolsky (1998) mostra que a migração involuntária e espontânea é outro fator que tem produzido grandes mudanças na feição lingüística de muitos países e contribuído para o multilingüismo.

Em relação ao primeiro caso, o autor cita, entre outros exemplos, o do comércio ilegal de escravos que, ao deslocar grandes contingentes de falantes de diferentes línguas para várias partes do mundo, ocasionou a formação de variações, as chamadas línguas *pidgin* e *crioulas*. O *pidgin* é uma língua em que há relações limitadas entre seus falantes, como no caso de atividades de comércio e do ambiente das plantações, na relação escravo-senhor. O *pidgin* tem também como característica o de não ser a língua nativa de ninguém, sendo usada por pessoas em situações de contato, mas que fora delas continuam a falar as línguas próprias de suas comunidades. Por isso, ele é visto mais como solução social e não individual. Ele envolve a mistura de duas ou mais línguas e tem gramática bastante simplificada. Alguns dos mais conhecidos são: *Nigerian Pidgin English*, *Papuan Pidgin English*, *Vietnamese Pidgin French*, *Kenya Pidgin Swahili*<sup>2</sup> e outros. Já a língua crioula é formada pela expansão e complexificação de um *pidgin*, tornando-se a primeira língua de uma comunidade. Algumas delas são: *Haitian Creole*, *Tok Pisin* e *Hawaiian Creole English*.

---

<sup>2</sup> *Pidgins*: Inglês nigeriano, inglês de Papua, francês vietnamita, swahili queniano.  
*Línguas crioulas*: haitiano, Tok Pisin, inglês havaiano. ( tradução da autora )

Spolsky ( 1998 ) cita os países do norte europeu que estimulavam trabalhadores das áreas do Mediterrâneo à emigração. Assim, constata-se a presença significativa de minorias turcas em alguns países europeus, além de gregos, espanhóis e italianos.

Quanto à migração espontânea o que se verifica é que principalmente após a Segunda Guerra Mundial houve grandes deslocamentos de população, propiciando crescimento dos casos de multilingüismo. O que ocorreu nos Estados Unidos é bem significativo, uma vez que nos séculos XIX e XX eles assimilaram comunidades de falantes de alemão, norueguês, grego, italiano, ídiche, polonês, ucraniano, japonês, chinês, espanhol. Leis de imigração mais rígidas ( após 1923 ) fizeram com que o movimento declinasse, mas quando após a guerra houve um afrouxamento dessas leis, verificou-se um novo surto de imigrantes, incluídos aí os falantes vindos da Ásia e da ex-União Soviética. Muitos desses imigrantes passaram a usar o inglês, abandonando suas línguas maternas. Nos últimos anos tem-se verificado um grande aumento do número de falantes hispânicos.

Além da migração entre países, ocorre também migração entre cidades. Migrações de pessoas do interior para as grandes cidades também tem contribuído para o aumento dos casos de multilingüismo.

O que se pode observar é que o contato entre línguas existe desde que os homens se lançavam em aventuras por terras desconhecidas com o objetivo de conquistá-las e/ou com elas estabelecer comércio e continua a existir, proporcionado nos dias atuais pelas inúmeras oportunidades criadas a partir do extraordinário desenvolvimento tecnológico da vida moderna. À medida, porém, que o mundo se apequena, o problema da comunicação se agiganta.

A situação de fato é que há muitos povos com várias línguas, mas nenhuma que seja compreendida por todos. Essa falta de uma língua comum é fonte de inúmeras dificuldades de comunicação entre as pessoas e causa de desentendimentos e de conflitos.

A cada dia que passa, as relações comerciais e políticas ampliam-se, as pessoas de diferentes origens cruzam-se por um mundo em que as distâncias geográficas parecem vir diminuindo cada vez mais. É o sonho de o mundo tornar-se uma aldeia global, cada vez mais próximo de tornar-se realidade.

Ao distinguir o contato de línguas ocorrido no passado e o que ocorre atualmente em um mundo globalizado, Crystal (2003:14) afirma: “ Nunca houve uma época na qual

tantas nações estivessem precisando tanto de falar umas com as outras. (...) Nunca a necessidade de um bilinguismo mais difundido foi tão grande. (...) E nunca houve uma necessidade tão urgente de uma língua global”.<sup>3</sup> (*tradução da autora*)

Ainda segundo esse autor, a noção da necessidade de uma língua **global** viria a acentuar-se no século XX com a fundação de organizações internacionais como as Nações Unidas ( fundada em 1945), o Banco Mundial ( também em 1945) a UNESCO e a UNICEF ( em 1946 ) e a Organização de Saúde Mundial ( 1948 ) e a cada dia que passa vem se intensificando mais e mais devido às características particulares da vida moderna.

### 2.3.

#### **Língua global**

O que vem a ser uma língua global? De acordo com Crystal (2003), língua global é aquela que desempenha um papel especial, reconhecido em todos os países do mundo. Tais países podem fazer esse reconhecimento de dois modos:

( a ) a língua é considerada como oficial de um país, devendo ser usada como meio de comunicação, entre outros, nos negócios, nas cortes e no sistema educacional. É geralmente descrita como segunda língua, por ser vista como complementar à língua materna do falante. É o que acontece com o inglês, que tem esse status especial em mais de setenta países, nos quais se incluem, entre outros, Gana, Nigéria, Índia, Singapura, Ruanda.

( b ) a língua tem prioridade no ensino de língua estrangeira de outros países. É a língua ensinada às crianças nas escolas e a mais oferecida aos adultos. ( Ver anexo 1 )

As razões para a escolha de um língua estrangeira a ser favorecida no ensino passam pela tradição histórica e pelo desejo de contato comercial, cultural e tecnológico.

---

<sup>3</sup> There has never been a time when so many nations were needing to talk to each other so much. (...) never has the need for more widespread bilingualism been greater (...) And never has there been a more urgent need for a global language.

Algumas crenças populares errôneas difundiram-se sobre os motivos que levariam uma língua a tornar-se bem sucedida no papel de global. Entre eles os de que algumas línguas são esteticamente mais bonitas do que outras, são de mais fácil aprendizado ou ainda que são veículos de expressão de idéias mais otimizados pelo reduzido número de flexões verbais ou nominais. Esses dois últimos argumentos caem por terra quando se pensa no latim, que apesar de suas inúmeras flexões, foi a língua franca<sup>4</sup> da Idade Média, tendo sido utilizada como instrumento de comunicação diplomática, de divulgação científica e de discussão filosófica e política.

Crystal ( 2003 ) também discorda desses ‘critérios’ apontados como razões para a adoção de uma língua globalmente. E mais: segundo ele, uma língua não se torna global devido às suas propriedades estruturais intrínsecas ou devido ao seu vocabulário ou ainda ao por já ter sido associada a uma grande cultura ou religião. Todos esses fatores podem motivar alguém a aprender uma língua, mas nenhum deles, sozinho ou em combinação, pode garantir a difusão de uma língua.

Os fatores que estariam em questão na determinação de uma língua desse tipo não seriam também, nas palavras de Crystal, a exclusividade do número de falantes. Segundo ele, o fato de uma língua tornar-se global não se deve ao número de pessoas que a falam, mas sim a quem são esses falantes.

Assim, o autor assume que a dominação lingüística e o poder, seja cultural, tecnológico ou econômico, estão intrinsecamente relacionados. E que, sem algum tipo de poder, nenhuma língua pode fazer progresso como um meio de comunicação internacional.

Especificamente, o poder político e militar é citado nesse texto pelo autor , como sendo a principal razão de uma língua tornar-se internacional. As línguas grega, latina, árabe, espanhola, portuguesa e francesa são mencionadas como exemplos de línguas que usufruíram de um prestígio considerável em outros tempos devido a esse fator , sendo que atualmente esse poder pertence à língua inglesa. O autor, contudo, chama a atenção para a maior importância do poder econômico sobre o militar para que uma língua se mantenha poderosa. “ Mas a dominação lingüística internacional não é somente o resultado do poder

---

<sup>4</sup> Crystal (2003 ) faz distinção entre língua franca e global. A primeira é aquela cuja atuação está restrita a áreas limitadas do mundo, enquanto a segunda é uma língua franca que se faz necessária em todo o mundo

militar. Pode acontecer de uma nação militarmente poderosa estabelecer uma língua, mas será necessária uma economicamente poderosa para mantê-la e expandi-la.”

( 2003 : 10 .) <sup>5</sup> (tradução da autora )

O autor lembra ainda que outra hipótese considerada para explicar uma das possíveis vantagens para a adoção do inglês como a língua global seria o caráter ‘cosmopolita’ que muitos lhe atribuem, devido ao grande número de palavras estrangeiras incorporadas ao seu léxico, o que também lhe confere uma certa ‘familiaridade’ com outras línguas. Dos cerca de 20.000 vocábulos de uso mais corrente, cerca de três quintos são empréstimos. Fazem parte do seu léxico palavras emprestadas do latim, do grego, do escandinavo, celta, holandês, alemão, italiano, francês, árabe, espanhol, ídiche , entre outros.

Para que a idéia de uma língua global fosse efetivamente colocada em prática, Crystal ( 2003 ) apresenta algumas alternativas, dentre as quais:

- ( i ) a criação de uma língua auxiliar global, fácil de ser adquirida e usada por todos;
- ( ii ) a simplificação e adaptação de uma língua já existente;
- (iii) a adoção, sem modificação, de uma determinada língua, já existente, a ser aprendida por todos.

As dificuldades para a adoção de qualquer um dos procedimentos são muito grandes. Em relação ao primeiro caso, um fator complicador reside no fato de que seria muito difícil que os falantes de algumas línguas não ficassem prejudicados na adoção de uma outra língua que diferisse muito das suas próprias, tornando-a quase impossível de ser aprendida. Cumpre ressaltar que, em várias épocas da história da humanidade, várias tentativas de criação de uma língua auxiliar foram realizadas - sendo a mais famosa o esperanto - sem que, no entanto, nenhuma tenha sido bem sucedida. Segundo Eco ( 2001 ) apenas no século XIX foram 173 projetos de línguas internacionais.

Em relação ao segundo caso, vale aqui lembrar que também já se tentou adaptar o inglês para esse fim, mediante simplificações de suas regras e condensação de seu extenso léxico, tentativas que se revelaram infrutíferas, entre outras razões porque os falantes

---

<sup>5</sup> (But international language dominance is not solely the result of military might. It may take a military powerful nation to establish a language, but it takes an economically powerful one to maintain it and expand it.)

nativos não aprovaram tais modificações, acusando seus idealizadores de promoverem uma descaracterização da língua.

Já o terceiro caso teria como aspecto negativo o fato de que a língua a ser escolhida privilegiaria os que já a tivessem como língua materna, podendo com isso gerar um sentimento de inferioridade entre os que falassem línguas sem o mesmo status.

Passini ( 1995 ) é um dos que compartilham esse pensamento. Ele argumenta também que os povos que se vissem obrigados a aprender uma outra língua poderiam reivindicar o direito de não serem obrigados às despesas e aos esforços necessários a esse aprendizado. Além do mais, ele diz que aceitar oficialmente o idioma de outro povo como segunda língua é elevar o país de origem desse idioma à condição de metrópole intelectual, a ele se submetendo psicologicamente, aceitando sua influência política, econômica e principalmente cultural, vindo a correr o risco de haver uma descaracterização nacional.

Em relação a esse último caso, qual seja o da adoção de uma língua já existente para funcionar como língua global, é cada vez mais evidente que esse papel já vem sendo exercido na prática pelo inglês. O número de falantes espalhados por todos os continentes, tanto como língua materna quanto como segunda língua , a influência em inúmeros setores da vida moderna, entre os quais a computação e ainda o impacto de sua cultura popular na cultura de outros países fazem com que ele seja praticamente imbatível na condição de língua destinada a facilitar a comunicação entre os mais variados povos do planeta.

O Jornal do Brasil, edição de 10 de dezembro de 2004, publicou reportagem sobre os resultados de um estudo elaborado pelo *British Council*, organismo que promove a cultura britânica. De acordo com a pesquisa, metade da população mundial - três bilhões de pessoas – falará inglês em 2015, seja como L1, seja como L2. Segundo os especialistas, o aumento no número de falantes deve-se a razões práticas, uma vez que o inglês é a língua dos negócios. Essa pesquisa baseou-se em dados da agência da ONU para a Educação, a Ciência e a Cultura ( Unesco ) sobre as projeções demográficas nos próximos anos, as políticas educacionais dos diferentes governos e as cifras sobre a mobilidade internacional dos estudantes.

Para ratificar essa condição de língua global, em artigo publicado no jornal *O Globo*, dia 10/02/2005, Merval Pereira, relatando debates ocorridos no Fórum Mundial de Davos de 2005, na Suíça, discorre sobre o que foi comentado durante uma mesa-

redonda , organizada para discutir o predomínio da língua inglesa no mundo atual: “... nesse mundo crescentemente interligado, a habilidade de se comunicar, superando a barreira da linguagem ficou mais importante do que nunca. Houve um consenso de que, no presente momento, o inglês é o que há de mais próximo de uma língua global dos negócios”.

E mais:

“ Segundo os especialistas, o domínio do inglês é baseado em inúmeros fatores, a começar pela importância histórica, em termos econômicos, dos países de língua inglesa, primeiro o Império Britânico, depois os Estados Unidos e sua influência econômica no mundo.

Os comentaristas também consideraram que o inglês se mantém como o idioma dominante no mundo dos negócios porque responde rapidamente às forças do mercado, é maleável a adaptações e mudanças.”

Não são poucos, porém, os que vêm com reticência o crescimento da importância do inglês. Nem mesmo entre seus falantes encontra-se unanimidade de opiniões em relação ao seu papel como língua global. Muitos que o têm como primeira língua temem que uma vez que ele passe a ser falado por todos, deixará de pertencer a um povo em especial, não será de mais ninguém em particular e com isso, depois de algum tempo, viria a sofrer tantas modificações e adaptações, afastando-se tanto de seu original, que correria o risco de ficar praticamente irreconhecível.

Crystal ( 2003 ), abordando a questão da adoção de uma língua global, menciona três riscos principais em relação à escolha dessa língua, embora os descarte logo em seguida.

1. **O poder lingüístico:** (*linguistic power*) ele é um dos que questionam se os falantes nativos da língua a ser escolhida como global não teriam vantagens sobre os falantes nativos de outras línguas. Para evitar que isso venha a acontecer, aplica o princípio do “ quanto antes melhor” para o ensino de línguas estrangeiras, concluindo que dessa maneira o ‘ argumento elitista se evapora.”

2. **A complacência lingüística:** (*linguistic complacency*) em relação ao

risco de que a adoção de uma língua global elimine a motivação de adultos para aprender outras línguas, admite que essa já é uma característica atual dos falantes do inglês. Talvez por se acharem superiores, pensam que os outros devem fazer esforços para acompanhá-los e não o inverso. O autor cita a Austrália como um dos países que estariam se prevenindo contra esse risco, ensinando japonês como primeira língua estrangeira. Os Estados Unidos e o Reino Unido também são citados pela crescente atenção que vêm dando ao espanhol, embora reconheça que ainda está longe o dia em que qualquer argumento irá persuadir os falantes de inglês a renunciarem a sua “insularidade lingüística.”

**3. A morte lingüística:** (*linguistic death*) em relação às conseqüências que uma língua global teria sobre o desaparecimento e até a morte de línguas minoritárias, o autor argumenta que esses problemas sempre ocorreram pelos mais variados motivos e que a ascensão de uma língua à condição de global não é o fator determinante para que isso aconteça. Ele defende a idéia de que é possível desenvolver uma situação de bilinguismo<sup>6</sup> em que uma das línguas faladas seria a global, permitindo assim ao falante acesso à comunidade mundial e a outra a língua regional, que lhe daria acesso à comunidade local. Assim, é perfeitamente possível utilizar uma língua global juntamente com a língua da comunidade, sem que isso signifique a condenação da língua local à morte.

Comentário:

---

<sup>6</sup> Heye & Savedra (1995) definem bilingüismo como a situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação social, um estado situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas.